



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

DISCURSO PRONUNCIADO JUNTO AO TÚMULO DE
MARTINS SARMENTO, NO CEMITÉRIO DO SALVADOR
DE BRITEIROS, PELO EX-PRESIDENTE DA SOC. M. S.
E SÓCIO HONORÁRIO DA MESMA SOC.,
SR. DR. EDUARDO DE ALMEIDA

Careceria de piedosa justiça este formoso e memorável dia da consagração espiritual de Sarmento — pois assim julgo o objectivo da Festa do Centenário —, se não viéssemos aqui, em romagem de comovida saúde, junto do túmulo, onde elle jaz, no descanso da eterna noite, a par da sua desvelada companheira.

A urna, já ennegrecida pelo tempo, contém só um cadáver — o cadáver do homem, a máscara plástica do homem, o que do homem é transitório: o seu espirito, como o seu génio de investigador, venceu a morte, excelliu-se na immortalidade. Venceu a morte o seu génio de investigador, trazendo ressurgido à vida da meditação scientifica o ciclo de epopeia bárbara das civilizações pre-históricas, e animando de almas os castros soterrados e ermos.

Depois, na descida das citânias, ao tornejear os pobresinhos casebres das aldeias, cujas pedras, tismadas e humildes, assemelham ruínas que desafiam as ruínas dos séculos efémeros; ao ver, na lenta volta da faina, à hora suavemente inquieta do crepúsculo, o nosso íncola, tão duro e forte no trabalho, tão amoroso e apegado à terra — à sua courelazinha pequenina e linda, na paisagem por seu labor modelada e colorida — que passou sob os vendavais do tempo, as arremetidas do inimigo e o sismo das convulsões sociais, sem se desenraizar; e ao encontrarem seus olhos, das janelas da sua casa em Guimarães, o velho Castelo e as velhas muralhas, inquiriu, delineou e ergueu a heróica ascendência, a tenaz continuidade, a rota e o sonho do Lusíada.

Uniu a morte com a morte e consorciou estas duas mortes com a vida: a vida dos rudes pelejadores das citânias, a vida dos esforçados guerreiros de S. Mamede e a vida obscura, resignada, laboriosa do nosso camponês, do nosso homem — o próprio nome, o mesmo sangue, toda a História e o Destino de Portugal.

Assim o seu espirito venceu a morte.

Além de um claro e alto espírito, Martins Sarmiento, dotado de uma assombrosa cultura, profunda e fecunda, com a fina sensibilidade dos temperamentos artísticos, foi, em época e meio de estagnamento cataléptico, um português de lei, de honradez intransigente e ingénua, um homem virtuoso e justo, com a virtude da ousada e latejante defesa das causas e direitos do pensamento e com a justiça da sua afectiva dedicação pelas classes trabalhadoras e desprotegidas. Se as suas elaborações mentais, talvez apaixonadas, mas friamente conduzidas por métodos rigorosamente científicos, remontavam e dilatavam os horizontes da Pátria, mostrando a unidade e continuidade do nosso povo, a sua inteligência vivíssima e providente ansiava por que a êsse povo se desse a sorte condigna.

Foi um amorável coração — e o seu coração também venceu a morte. As academias celebram a obra do seu espírito superior; a obra magnífica do seu coração — a essa a rememoram as crianças nas casas da escola.

Peregrinos desta belíssima jornada, trazemos-lhe à sepultura as dores da nossa saúde e as flores da nossa gratidão — e eu não devo mais profanar com vãs palavras o nosso sentimento e o recolhido silêncio da morte.